

A afirmação da enfermagem enquanto disciplina ganha particular relevância num momento em que a conjuntura socioeconómica e política se revela particularmente adversa aos movimentos de mobilidade ascendente que caracterizaram um conjunto de profissões que emergiram e se instituíram ao longo do século XX. A enfermagem pode sem qualquer excesso afirmar que o século passado foi testemunha do laborioso, rico e diversificado processo de edificação da sua disciplina e profissão.

A consciência de que a afirmação da profissão só se efectivaria se houvesse um sólido conhecimento disciplinar há muito que constitui um lugar-comum ao nível dos discursos. Fortes investimentos foram e continuam a ser feitos no sentido de criar um corpo de conhecimento em enfermagem que fundamente e conduza a acção. Os sucessos ao nível da construção desse conhecimento são inegáveis e resultam do esforço de milhares de enfermeiros em todo o mundo. Contudo, muitos autores alertam para o facto de que este conhecimento tem sido pouco procurado e apropriado pelos profissionais. Se a produção científica em enfermagem tem reconhecidamente sido afirmada como uma prioridade, a divulgação desta produção assume hoje uma centralidade que é difícil de negar. A facilidade de acesso ao conhecimento, que existe actualmente, não se traduz na generalidade no assumir de um agir mais sistematicamente informado. Importa abrir espaço à circulação do conhecimento sobretudo, numa altura em que os contextos de práticas se diversificam, se complexificam e se estruturam como espaços fluidos de contornos variáveis, onde o desempenho do profissional marca a diferença.

A mobilização na acção dos conhecimentos pertinentes para o sucesso da intervenção requer do profissional uma atitude de questionamento das suas práticas e dos seus conhecimentos e um investimento organizacional na criação de condições para que o acesso às fontes de conhecimento de faça livremente.

A introdução na revista *Pensar Enfermagem* de artigos de investigação histórica que nos devolvam imagens de um passado que muito concorreu para o que hoje somos, representa mais um contributo para o reforço do campo disciplinar da enfermagem. Assim, Mendonça e França trazem-nos um artigo de cariz teórico-metodológico que introduz a história oral como um instrumento fundamental na investigação histórica e que tem vindo a ganhar relevância no contexto da investigação.

Neste número damos início à publicação de um conjunto de artigos que vêm introduzir a abordagem histórica e que foram apresentados no I Simpósio Internacional de História de Enfermagem que se realizou em Maio de 2013 em Lisboa. O ensino da história de enfermagem não surge na maioria dos currículos como uma unidade autónoma, como nos revela o artigo de Gato e Nunes. No entanto o conhecimento sobre o passado constitui-se como um contributo decisivo para a construção da identidade profissional dos enfermeiros e para o desenvolvimento da disciplina de Enfermagem como nos recorda Silva e Vieira, que sublinham que “num tempo de crise não só económica mas civilizacional, onde as várias identidades são, muitas vezes colocadas em questão, o saber histórico constitui-se como linha estruturante na dignificação da disciplina e da profissão de Enfermagem”.

Para além desta vertente que de alguma forma se inaugura, salientamos a divulgação de artigos tanto de natureza conceptual, como centrados na prática de cuidar.

O primeiro artigo preocupa-se com a clarificação de dois conceitos básicos mobilizados no quotidiano da prestação de cuidados: ‘conforto’ e ‘bem-estar’. Aqui a autora discute, com recurso a fontes bibliográficas, a sua utilização e pertinência no contexto da enfermagem.

Por último, publicamos uma revisão sistemática da literatura onde o autor procura encontrar “resultados sensíveis às intervenções de enfermagem com pessoas dependentes de drogas”.

Luísa D’Espiney

